



# Cor e sombra: iluminação e formação no trabalho de um iluminador entre Minas e São Paulo. Entrevista com Nezito Reis

Entrevista concedida à Carina Maria Guimarães Moreira e  
Berilo Luigi Deiró Nosella

## Para citar este artigo:

MOREIRA, Carina Maria Guimarães. NOSELLA, Berilo Luigi Deiró. Cor e sombra: iluminação e formação no trabalho de um iluminador entre Minas e São Paulo. Entrevista com Nezito Reis. **A Luz em Cena**, Florianópolis, v.4, n.08, dez. 2024.

 DOI: <https://doi.org/10.5965/27644669040820240801>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



## Cor e sombra: iluminação e formação no trabalho de um iluminador entre Minas e São Paulo. Entrevista com Nezito Reis

Entrevista concedida à Carina Maria Guimarães Moreira<sup>1</sup> e

Berilo Luigi Deiró Nosella<sup>2</sup>

### Resumo

Na entrevista que agora se publica, realizada num aprazível encontro com Nezito Reis em sua casa em Barbacena, rodeados por lembrança, caixas de fotos, textos e materiais utilizados ao longo dos anos em suas aulas de iluminação cênica, buscamos, ao ouvir suas memórias contadas, vislumbrar os fios e os rastros de possíveis histórias da iluminação cênica brasileira na capital paulista. Como um apaixonado pelo teatro, saído do interior de Minas Gerais para a capital paulista, movido pelo desejo de ser ator, tornou-se um importante iluminador e, principalmente, o responsável pela formação de diversos profissionais da luz cênica nacional? Esta trajetória, que poderão acompanhar nas falas/linhas publicadas a seguir, apresenta-se como a inauguração de um projeto, com a mesma simplicidade e carinho que o mestre nos transmite, de coletar as memórias dos profissionais dos bastidores cênicos de nosso país na busca por uma outra história do nosso teatro. Esta é a proposição básica do Núcleo de Estudos de Técnicas e Ofícios da Cena do Grupo de Pesquisa em História, Política e Cena (CNPq) da Universidade Federal de São João del-Rei – NETOC/GPHPC/UFSJ.

**Palavras-chave:** Iluminação cênica; Ensino da iluminação cênica; História da iluminação cênica; Nezito Pereira dos Reis.

## Color and shadow: lighting and training in the work of a lighting designer between Minas Gerais and São Paulo. Interview with Nezito Reis

### Abstract

In the interview now being published, conducted during a pleasant meeting with Nezito Reis at his home in Barbacena, surrounded by memories, boxes of photos, texts, and materials used throughout the years in his scenic lighting classes, we seek, by listening to his narrated

<sup>1</sup> Vice coordenadora da implantação do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de São João del Rei - UFSJ. Professora de Direção, Iluminação Cênica e Elementos Plásticos da Cena no Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas e no Curso de Graduação em Teatro da Universidade Federal de São João Del Rei - UFSJ. Doutora em Teatro pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Pós-Doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UNICAMP.

✉ carinaguimaraes@ufsj.edu.br  <http://lattes.cnpq.br/9370475068494976> 

<sup>2</sup> Professor do Curso de Graduação em Teatro e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas do Departamento de Artes da Cena da Universidade Federal de São João del Rei. Doutor em Artes Cênicas, na linha de História e Historiografia do Teatro, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Líder do Grupo de Pesquisa em História, Política e Cena (CNPq) e Coordenador do Núcleo de Estudos de Técnicas e Ofícios da Cena/UFSJ. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq

✉ berilonosella@ufsj.edu.br  <http://lattes.cnpq.br/2696544764397266>  <http://orcid.org/0000-0002-3009-9836>



memories, to glimpse the threads and traces of possible histories of Brazilian stage lighting in São Paulo's capital. How did a theater enthusiast, who came from the countryside of Minas Gerais to the capital of São Paulo driven by the desire to become an actor, become an important lighting designer and, most notably, the mentor responsible for the training of numerous national stage lighting professionals? This trajectory, which readers can follow in the statements/lines published below, serves as the inauguration of a project—with the same simplicity and care that the master conveys to us—aimed at collecting the memories of professionals behind the scenes of our country's stagecraft in pursuit of an alternative history of our theater. This is the central proposition of the Núcleo de Estudos de Técnicas e Ofícios da Cena (Center for the Study of Stage Techniques and Metier) of the Grupo de Pesquisa em História, Política e Cena (CNPq) (Research Group on History, Politics, and Stage) at the Universidade Federal de São João del-Rei – NETOC/GPHPC/UFSJ

**Keywords:** Stage lighting; Teaching of stage lighting; History of stage lighting; Nezito Pereira dos Reis.

## Color y sombra: iluminación y formación en el trabajo de un iluminador entre Minas y São Paulo. Entrevista a Nezito Reis

### Resumen

En la entrevista que ahora se publica, realizada en un agradable encuentro con Nezito Reis en su hogar en Barbacena, rodeados de recuerdos, cajas de fotos, textos y materiales utilizados a lo largo de los años en sus clases de iluminación escénica, buscamos, al escuchar sus memorias relatadas, vislumbrar los hilos y rastros de posibles historias de la iluminación escénica brasileña en la capital paulista. ¿Cómo un amante del teatro, que llegó desde el interior de Minas Gerais a la capital paulista, impulsado por el deseo de ser actor, se convirtió en un importante iluminador y, principalmente, responsable de la formación de varios profesionales de la luz escénica nacional? Esta trayectoria, que se podrá seguir en las declaraciones/líneas que se publican a continuación, se presenta como la inauguración de un proyecto, con la misma sencillez y cariño que el maestro nos transmite, de recopilar las memorias de los profesionales detrás de los bastidores escénicos de nuestro país en la búsqueda de otra historia de nuestro teatro. Esta es la propuesta fundamental del Núcleo de Estudos de Técnicas e Ofícios da Cena (Núcleo de Estudos de Técnicas y Oficios de la Escena) del Grupo de Pesquisa em História, Política e Cena (CNPq) (Grupo de Investigación en Historia, Política y Escena) de la Universidade Federal de São João del-Rei – NETOC/GPHPC/UFSJ.

**Palabras clave:** Iluminación escénica; Enseñanza de la iluminación escénica; Historia de la iluminación escénica; Nezito Pereira dos Reis.



Figura 1



Fonte: Registro Carina M. G. Moreira

Nascido em Cipotânea-MG, Nezito Pereira dos Reis (Nezito Reis), atuou como iluminador na cidade de São Paulo, capital, por mais de 40 anos. Além de longa e destacada carreira na área da iluminação cênica, foi professor, sendo responsável pela formação de inúmeros profissionais da luz que hoje atuam no mercado brasileiro. Atualmente, aposentado, mora em Barbacena-MG, onde nos recebeu com a simplicidade e potência de pensamento e de histórias próprias do extenso e contundente trabalho realizado por Nezito como iluminador e formador. Essa correlação entre simplicidade e potência, que transparece em cada gesto e palavra de Nezito, expressa-se de forma exemplar na definição de iluminação cênica que o querido mestre nos deixa como lição: “a luz é importante, mas não é o mais importante, o mais importante é o



ator com o texto decorado, a atriz com o texto decorado, a marcação que o diretor determina”. A presente entrevista integra um projeto, do Núcleo de Estudos de Técnicas e Ofícios da Cena do Grupo de Pesquisa em História, Política e Cena (CNPq) da Universidade Federal de São João del-Rei – NETOC/GPHPC/UFSJ<sup>3</sup>, de registrar as memórias do fazer técnico-artístico da cena brasileira e, a partir de tal registro das memórias dos profissionais deste fazer, buscar compreender um pouco os meandros desta história em nosso país.

**Berilo: Nezito, você estava me falando agora a pouco que você é daqui de Minas Gerais?!**

**Nezito:** Sim. Nascido em Cipotânea

**E foi pra São Paulo em 1968?**

Sim, em 1968. Nesta época, aqui em Barbacena, eu participei de um grupo de teatro e aí fui pra São Paulo porque eu queria fazer Teatro, queria ser ator, né?! Mas aí tem uma situação, assim, bastante curiosa, que eu morei na rua lá um pouco e só depois eu consegui emprego. Bebia muito, aquela coisa toda. Em 1970, na época da copa do mundo, inclusive, eu procurei um psiquiatra porque eu queria parar de beber. Ele passou uns remédios para mim, só que um domingo lá na pensão, “cara”, eu peguei uns três ou quatro comprimidos, joguei para dentro e tomei com cachaça. Eu fiquei zen, sabe, na pensão, calmíssimo, calmíssimo, calmíssimo, muito mais do que eu sou naturalmente. E passados aqueles três dias lá, eu voltei no médico, contei para ele, ele me deu um esporro danado, né?! Aí eu falei assim “doutor, eu quero que o senhor me interne”. Ele tremeu na cadeira! Porque imagina, eu estava com 21 anos, sei lá, não lembro direito. Mas por fim, consegui a internação no Instituto de Psiquiatria de Guarulhos. Já nem existe mais esse hospital. E lá foi o seguinte, eu era bastante ativo, graças a Deus. Eu jogava baralho, jogava dominó, ajudava na cozinha. Ninguém pedia para fazer nada, eu que era do tipo “deixa eu ajudar aí a lavar louça. Aquela coisa toda. Aí um dia lá, a gente fazendo terapia ocupacional, chegou a assistente social e falou “ah, pessoal, vai ter a festa do hospital, quero montar uma peça de teatro”. “Pô, deixa eu participar?”, disse para ela. Aí ela topou. E

<sup>3</sup> A entrevista foi realizada pelos líderes do GPHPC, Berilo L D Nosella e Carina M G Moreira, com suporte dos bolsistas de Iniciação Científica Isabela Francisconi (PIBIC/UFSJ), Victória Mel de Lima Brito (PIBIC/UFSJ) e Paulo Roberto Laass Wotckoski (PIBIC/FAPEMIG) na elaboração do roteiro da entrevista e na sua transcrição.



ensaiamos né?! E depois que terminou aquilo, montaram o palco, foi um montão de gente assim, umas 400, 500 pessoas, para assistir, e quando terminou chegou o rapaz que ficava no mesmo andar que eu no hospital e disse: “oh, Nezito, você gosta de teatro?”, “Pô, gosto, “cara””. E ele: “Pô, eu conheço um pessoal aí, quando eu sair daqui vou te dar meu endereço. Vou conversar com eles, quem sabe dá certo”. Ele se chamava Mário. No dia que o Mário saiu, no dia seguinte eu pedi alta. Como tinha sido eu que pedi para entrar podia pedir alta, e fui atrás do Mário. O Mário me apresentou o Daniel. O Daniel, na época, era motorista da Secretaria de Cultura de São Paulo. E conhecia o grupo, né?! Aí falei com o Daniel, o Daniel “oh, me dá seu endereço aí. Qualquer coisa, não garanto, não, mas qualquer coisa eu vou atrás de você”. Isso foi num domingo, quando foi no próximo sábado tocou a campanha da pensão que eu morava. Aí a dona Rosa me chamou: “Nezito, é pra você”. Quando cheguei na janela, era o Daniel. “Vamos pro ensaio!?”. E aí entrei para o grupo do Hamilton Saraiva<sup>4</sup>. Conheceu?

### Conheci, tive aula com o Hamilton.

Putá merda, que coincidência. Eu queria ser ator, mas o Hamilton, com aquele jeito dele, tal, muito legal, me conduziu para a iluminação. Aí um dia lá, a primeira vez que ele me chamou para fazer uma montagem, que me botou para afinar uns refletores bem “antigões”, né!? Eu “pô, que legal, “cara”. Eu quero ser isso aqui”. Aí virei iluminador, e virei professor. Fui professor por mais de 40 anos, dando aula, cursos e tal. Dei aula em faculdade sem ter diploma. É fácil isso? Faculdade Paulista de Artes.

**Carina: É, não é para qualquer um, não. Agora, deixa eu perguntar uma curiosidade. Esse grupo que você fazia parte aqui em Barbacena, você lembra o nome?**

Não. Ah, sim, foi no Colégio Salesiano, mas não lembro o nome, não. Eu participava desse grupo. A gente montou uma peça, mas esqueci o nome. Faz tantos anos!? (Pausa) Mas

---

<sup>4</sup> Hamilton Figueiredo Saraiva (03 de janeiro de 1934, São Paulo-SP - .27 de fevereiro de 2005, São Paulo-SP) foi ator, diretor, dramaturgo e, principalmente, iluminador cênico e professor universitário. Em 1955 fundou o Grupo Teatral Jambaí de Comédia onde atuou em diversas funções artística ao longo de toda vida. Foi professor de iluminação cênica na USP, sendo o pioneiro neste campo de estudos na academia brasileira. Além de textos e publicações importantes, Hamilton deixou como legado dois importantes trabalhos, sua dissertação de mestrado – “Iluminação teatral: história, estética e técnica” (1990) – e sua tese de doutorado – “Interações físicas e psíquicas geradas pelas cores na iluminação teatral” (1999), além de uma contribuição inestimável na formação de gerações de artistas da cena na capital paulista.



voltando. Aí eu fui para São Paulo com essa ganância de ser ator! Quebrei a cara. Quebrei a cara, não, né?! Graças a Deus que eu conheci o Saraiva e ele me conduziu para uma coisa que, pô, me salvou a vida. Até foi engraçado, porque ele já dava aula na época, né!? Aí me convidou para ser assistente dele nos cursos, entendeu!? Aí chegou uma sexta-feira lá, ele ligou para a firma que eu trabalhava. Eu trabalhava de serralheiro. Ligou para a firma e falou assim “Nezito, amanhã não vou poder dar aula, não. Vai dar aula no meu lugar”. Eu tremia feito vara verde, segurando o telefone: “Hamilton, mas eu não tô preparado ainda, espera um pouco. Melhor a gente cancelar esse curso”. Mas não podia, porque os alunos vinham do interior de São Paulo. Então fui lá. No primeiro dia eu tremia feito vara verde. Foi a hora e meia mais longa da minha vida. Eu pegava um componente elétrico ou eletrônico, qualquer coisa assim, e via minha mão tremer..., mas quando terminei os alunos me aplaudiram, vieram me cumprimentar um por um. Opa! Aí foi. Aí tomei gosto pela coisa e me dediquei muito, graças a Deus, sabe?! Porque a gente, quando encontra o caminho, tem que dedicar mesmo, tem que ir com ousadia, coragem e respeito, né?! Respeito sempre.

### E esse curso do Hamilton? Você lembra onde que era, como que era?

Ele fazia lá em São Paulo, nessa época, no Teatro Arthur Azevedo, lá na Mooca. Da prefeitura. Aí minha primeira aula foi lá, entendeu?!

### Fala um pouquinho do Hamilton.

Coração muito legal. A família toda, né?! Já faleceu já faz muito tempo, já faleceu, o filho dele já faleceu. Não sei se outro filho ou a filha dele estão vivos, a gente perdeu contato por completo. Dá até um... (silêncio) faço uma prece quase todo dia para o Hamilton, quase todo dia rezo um Pai Nosso, porque foi ele quem me salvou.

### Bom, então você entrou em contato com a iluminação e começou a trabalhar com luz por conta do Hamilton?

Por conta do Hamilton.



**E, de alguma forma também, essa prática de ensino, de iluminação, também foi o Hamilton que...**

Sim, foi com o Hamilton. O Hamilton, poxa, ele era muito legal. Muito bacana mesmo, sabe?!

**E depois dessa experiência com o Hamilton, como é que aconteceu a sua carreira com a luz? Quais foram os próximos passos?**

Ah, “cara”, foram surgindo, porque o Hamilton, ele me chamava para ser assistente dele. Quando ele não ia, eu fazia. Daqui a pouco comecei sozinho a resolver, né!? Eu dei aula, por exemplo, no Sesc Anchieta, o CPT<sup>5</sup>, durante seis anos. Eu até falava para o pessoal o seguinte “gente, eu não tô aqui pra ensinar ninguém, dou apenas toques e tal. Ponho uma sementinha na cabeça de vocês, vocês que procurem desenvolver”. Assim que eu falava na abertura do curso ou da palestra. Muitos se encaminhavam de maneira brilhante. Tem gente que dá aula até hoje, certo!? Tem um ex-aluno meu que trabalha na USP, o Denilson Marques<sup>6</sup>.

**Sim, o Denilson, conheço.**

Conhece o Denilson?

**Conheço.**

O Denilson... Teatro do Bixiga<sup>7</sup>, conheceu?

**Sim.**

---

<sup>5</sup> “O Centro de Pesquisa Teatral, mais conhecido como CPT, movimenta a cena do teatro brasileiro desde 1982, quando o Grupo Macunaíma, dirigido por Antunes Filho (1929-2019), foi convidado para compor as ações artístico-culturais do Sesc, especificamente no Sesc Consolação. Desde então, tornou-se um dos espaços mais icônicos da cidade de São Paulo se tratando de teatro: formou mais de mil profissionais das artes cênicas entre atores, dramaturgos, cenógrafos e iluminadores, sob a coordenação de Antunes Filho” (texto retirado do site do CPT – SESC Consolação [https://www.sescsp.org.br/centro-de-pesquisa-teatral-cpt\\_sesc-agora-tambem-na-internet/](https://www.sescsp.org.br/centro-de-pesquisa-teatral-cpt_sesc-agora-tambem-na-internet/))

<sup>6</sup> Denilson Marques é Lighting Designer há mais de 20 anos. Formado em Audiovisual, entre outros cursos de Iluminação e Estrutura Cênica, atualmente atua também como servidor na Universidade de São Paulo na área de Iluminação Cênica.

<sup>7</sup> Em consulta à Denilson Marques, o momento em que ele conheceu Nezito foi na década de 1990 no teatro que, naquele momento, chamava-se Teatro Hall, antigo Teatro Bixiga e atual Teatro Ágora, na Rua Rui Barbosa, 162, na Bela Vista (Bixiga) em São Paulo – SP.



Então, foi lá que comecei no teatro profissional. O Denilson trabalhava lá. Aí um dia o chamei: “oh, rapaz, vem cá, me ajuda aqui um pouquinho na luz”. Daqui a pouco teve um dia lá que surgiu um compromisso e eu coloquei o Denilson lá sozinho para se virar. (pausa). Aquele teatro é terrível, né?! Uma plateia assim (faz um gesto com a mão mostrando a posição tombada da escada), que você põe a escada, e Nossa Senhora.

### Tombava?

Sim, tombou comigo, me jogou na parede, assim, quatro metros de altura. Me machuquei muito na época. Fiquei com a tipoia um tempão. Mas o Denilson foi muito legal, tomou gosto, né?! Aí entrou pra USP, e está lá até hoje. (pausa). Denilson Marques. E a mãe dele é daqui da cidade [Barbacena]. Não sei se está morando aqui, não. Eu perdi o contato também. Enfim, ele até falou “qualquer hora vou aí em Barbacena”.

### E lá no Anchieta você ministrava esse curso, sua relação com o Teatro Anchieta era dar aula.

Sim, era dar aula. Eram aos sábados, as aulas. E o Antunes Filho ainda, falecido Antunes Filho, chegava de mansinho, de mansinho, ficava lá na plateia assistindo o meu desenrolar! E era fantástico, “cara”. Era fantástico.

### E como é que foi? Como é que aconteceu esse projeto de dar aula lá no Anchieta? Eles te convidaram? Era um projeto do SESC? Como é que foi?

Acontece o seguinte, o Hamilton deu aula lá também antes e foi ele quem me convidou para dar uma outra parte do curso. A parte mais prática, de equipamento e coisa e tal. Ele dava mais a teoria. E aí foi, aí colou, né?! Esse fato, por exemplo, de eu dar aula em faculdade sem ter diploma, para mim, foi uma vitória, assim, fantástica, né!? Imagina, o “cara” está lá numa faculdade, dando aula... (pausa) eu dava aula para um pessoal de teatro, dança, música e tal.

### Isso lá na Faculdade Paulista de Artes.



Isso, na Faculdade Paulista de Artes.

### Isso foi na mesma época do CPT?

Foi depois do CPT.

Ah, então você deu aulas por seis anos do CPT e, depois de um período lá, ainda deu aulas na Faculdade Paulista de Artes?

Sim, depois, seis anos lá também.

### Além disso você ministrava outras oficinas, cursos?

Ah, sempre fazia uma aqui outra ali, até gratuita, inclusive, para a comunidade. Mas mesmo quando cobrava, cobrava baratinho, bem em conta na época.

### E o Centro Cultural São Paulo<sup>8</sup>? Quando e como você começou lá?

O Centro Cultural... eu fui para lá em 1985. Fiquei lá 25 anos. E eu havia recebido um convite em 1983 do próprio Hamilton, que trabalhava no Centro Cultural na época... recebi esse convite para trabalhar no Centro Cultural. Só que em 83 eu tinha viagens de um espetáculo - não sei se você conheceu - Zum ou Zois<sup>9</sup>.

Não.

Nem ouviu falar, né? (risos) Zum ou Zois. Eram dois atores em cena e eu na técnica. Eu operava uma mesinha de luz e operava aquele gravadorzão de rolo que você deve ter conhecido. (risos) Adaptei ainda um elipsoidal pequeno como um canhão seguidor que eu

---

<sup>8</sup> O Centro Cultural São Paulo (CCSP) é uma instituição pública ligada à Secretaria Municipal de Cultura do município de São Paulo que reúne um conjunto de aparelhos culturais na cidade, possuindo uma sede na Rua Vergueiro, 1000, no bairro do Paraíso. Abriga biblioteca, espaços expositivos e de apresentações cênicas e cinematográficas, além de diversos cursos e oficinas.

<sup>9</sup> “Zum ou Zois, peça dos paulistas Mauro Padovan e Carlos Meceni, dirigida por João Gomes, (...) é mais um espetáculo de variedade, reforçando uma tendência cada vez mais forte existente no teatro infantil atual: a maior presença do show, das brincadeiras, das adaptações, dos sketches, em vez de um texto estruturado de modo tradicional contando uma história, com início, meio e fim”. (retirado de matéria publicada no jornal *O Globo* no dia 08.12.1981 - <https://cbtij.org.br/zum-ou-zois-direcao-joao-gomes/>)



também operava. E foi legal para chuchu. Carlos Mecen<sup>10</sup>, até hoje tenho contato, até hoje a gente se fala. Carlos Mecen! (pausa) A gente viajou muito, muito mesmo pelo interior de São Paulo e tal. Muitos lugares. Na verdade, eu... (pausa) graças a iluminação, eu conheci 220 cidades e 12 capitais. (pausa) Claro, depois trabalhei no Gian Carlo também, GCB<sup>11</sup>. Conheceu a GCB?

**Sim, de nome.**

Alugávamos equipamentos, e tal. Enfim, né. Viajei muito. Eu viajei com o Ballet Clássico de Moscou<sup>12</sup>.

**Sim!? Nos fale um pouco dessa história.**

Sim, viajei com eles para várias capitais brasileiras, conheci Maurice Béjart<sup>13</sup>, só gente boa. Fiz a luz de uma bailarina americana, Lori Belilove<sup>14</sup>. (pausa) Lori Belilove. Ela chegou lá no Centro Cultural e de repente me entregou um mapa de luz assim, 80 refletores. A gente tinha

---

<sup>10</sup> Carlos Mecen Iniciou sua carreira no Teatro de Arena de São Paulo, na década de 70, onde participou dos espetáculos “Arena Conta Zumbi” e “Arena Conta Tiradentes”. Em sua trajetória contabiliza mais de cem espetáculos como ator, diretor e autor. Construiu três teatros na cidade de São Paulo e foi fundador da Cooperativa Paulista de Teatro. Já participou como ator em 22 filmes e de 19 novelas. (dados retirados do currículo presente em <https://vgiagentes.com.br/artistas/carlos-meceni/>)

<sup>11</sup> A GCB Iluminassom foi uma empresa fundada por Gian Carlo Bortolotti na década de 1980 em São Paulo e é considerada a primeira empresa brasileira a fabricar equipamentos para iluminação cênica como refletores, consoles, racks etc. Não há registros desta experiência, apresentando-se esse capítulo da história da iluminação cênica em nosso país, como um dos muitos “rastros” a serem seguidos por pesquisadores num futuro próximo (espera-se).

<sup>12</sup> Ballet Clássico de Moscou, o Ballet Bolshoi, é a Companhia do Grande Teatro Acadêmico para Ópera e Ballet de Moscou. Sua origem se deu em 1773 quando, a partir de aulas realizadas em um orfanato de Moscou, formou-se um grupo de bailarinos com meninos e meninas orfãos. A única filial do teatro fora da Rússia é no Brasil, e a escola funciona desde o dia 15 de março de 2000. Segundo informações coletadas no site Paixão pela Dança (<https://www.paixaopeladanca.com.br/mergulhe-na-incrivel-historia-de-bolshoi-o-maior-ballet-do-mundo/>) “Tudo começou quando, em 1996, a companhia russa realizou uma turnê pelo Brasil e a cidade de Joinville foi incluída na rota. O espetáculo programado aconteceu no 14º Festival de Dança, e os russos ficaram impressionados com a receptividade do público e com a empolgação da cidade em relação à arte da dança. Depois desse acontecimento, começaram a esboçar propostas para que uma unidade da escola fosse instalada no país.”

<sup>13</sup> Maurice Béjart, nome artístico de Maurice-Jean Berger, (Marselha, 1 de Janeiro de 1927 — Lausana, 22 de Novembro de 2007) foi um dançarino e coreógrafo francês. (<https://anobotafogomaison.com.br/maurice-bejart-1927-2007/>). Consta numa notícia publicada pela Folha de São Paulo no dia 8 de abril de 1997 a seguinte informação: “O Béjart Ballet Lausanne, dirigido pelo coreógrafo francês Maurice Béjart, inicia hoje, no Teatro Municipal de São Paulo, sua turnê brasileira de 1997, que prossegue em Curitiba, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.” (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq080425.htm>)

<sup>14</sup> Lori Belilove é referência mundial da dança moderna. A bailarina norte-americana é Diretora artística da Isadora Duncan Dance Foundation de Nova York (IDDF). Não encontramos informações sobre o momento em que Nezito Reis teria conhecido Lori Belilove, apenas que desde 2000 há várias vindas da bailarina ao Brasil.



uns 30, no máximo 40. (risos) Aí eu fiz uma adaptação, ela gostou e lá no jantar, depois, me elogiou bastante. Então foi legal, são experiências que a gente faz (pausa). Eu não guardo para mim, procuro passar a experiência e conhecimento. Guardar é ignorância pura, né? Então eu costumo passar para as pessoas. Assim foram esses anos todos. Dos 50 anos que eu morei em São Paulo, 45 foi trabalhando com iluminação. Com quem era cooperativado, companhia grande, enfim. Sempre malhando mesmo. Sempre tomando choque, queimando lâmpada. (risos) Se não acontece isso você não aprende, entendeu? (risos) É cair da escada e tal. Aí foi muito legal, a gente vai conhecendo e trocando. E o SESC Anchieta tem lá agora – já aposentou também – o Davi de Brito. Conheceu Davi de Brito?

### Conheci.

Gente boa pra caramba e tal, de vez em quando a gente se fala por WhatsApp, entendeu?

### O Davi também aposentou, não está lá mais.

Aposentou. Davi aposentou. O Silvestre que era da portaria, depois foi para iluminação, né. E aquele teatro é fabuloso, né. SESC Anchieta é... fantástico, entendeu? Muito legal.

### Só voltando um pouquinho, você falou que trabalhou lá no Gian Carlo. O que você fazia lá? Como que era seu trabalho?

Eu comecei fazendo manutenção de equipamento. Aí depois ele me escalou para as viagens. Ele fornecia equipamento para várias companhias de dança, teatro, música. Brasil inteiro. E sabe que muitas pessoas não devolveram os equipamentos? Foi a falência. (pausa) Mas então eu viajei, viajei bastante, e foi legal para caramba, puxa vida. Eu passei uma temporada, por exemplo, em Salvador, no Teatro Castro Alves<sup>15</sup>. Fiquei vislumbrado com aquele teatro. Nossa, grandão, enorme.

### Então, o Gian Carlo fornecia os equipamentos e mão de obra para trabalhar nos espetáculos?

---

<sup>15</sup> O Teatro Castro Alves (TCA) é o maior e mais importante centro artístico de Salvador, capital do estado da Bahia, e se localiza no Largo do Campo Grande. Em 2013, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro\\_Castro\\_Alves](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro_Castro_Alves))



Sim, fornecia equipamento e equipe de mão de obra. (pausa) Lá tinha um “cara” que trabalhava, que era meio sócio dele, e que tinha o apelido de Nezito também, então na hora que chegava o Nezito de verdade era maior confusão (risos). O “cara” chamava Emanuel – chamava porque não sei se está vivo mais. Mas tinha o apelido de Nezito. O seu Cruz<sup>16</sup>, né, que foi um “cara” que me ensinou a fazer muitas coisas, me ensinou a montar *plug* macho e fêmea com perfeição, por que se você não montar aquilo direito, vai estourar depois, né?

### O seu Cruz era o Jerônimo Cruz, isso?

Isso, Jerônimo Cruz. Uns nomes eu lembro, né. Outros já evaporam assim né (risos)

Nezito, tem algum trabalho de luz que marcou sua trajetória, que para você é mais importante? Você pode falar um pouquinho para a gente?

“Cara”, eu ganhei até uns prêmios de melhor iluminador. Aí atrás de você tem ali, ó. Aquela medalha, né (**Figura 2**). Aquela medalha eu ganhei do... esqueci o nome... (pausa) *Todos ao Subúrbio*<sup>17</sup> chamava. Do Hamilton Saraiva. Eu ganhei lá em Santos. Foi emocionante porque quando anunciaram “Atenção, melhor iluminador vai para... Nezito Reis!” A plateia ficou de pé me aplaudindo. É marcante isso, né? É marcante. Aí nem me lembro, não conseguia falar nada, só chorava de emoção. Mas teve muita coisa... (pausa). É que agora minha cabeça está meio... é... meio frágil. Entendeu? (risos) Algumas coisas borraram, mas teve muita coisa boa. Ali tem o trofeuzinho que ganhei, que foi, acho, em 2014, lá no Festival Interclubes. (**Figura 3**) Ganhei em São Paulo. Interclubes. Era a Associação que fazia o Festival e eu ganhei por *Morte Vida Severina*<sup>18</sup>. Muito legal, porque tinha projeções também, sabe. Porque projeção no teatro é uma coisa muito legal de se ver, por detrás do pano. Eu joguei uma contraluz “e *Pá*”. Aí eu inventei “quer saber, eu vou melhorar essa imagem” e joguei luz de frente colorida, azul. Dá um

<sup>16</sup> Seu Cruz, Jerônimo Cruz, foi ao lado de Gian Carlo Bortolotti um precursor da iluminação cênica na fundação da empresa GCB Iluminassom. Seu Cruz ainda está vivo e o GPHPC está buscando realizar o registro de suas memórias. Em pesquisa, encontramos o seguinte site que anuncia uma oficina de iluminação cênica em São Paulo com Jerônimo Cruz e Nezito Reis como professores: <https://arqbrasil.com.br/2846/iluminacao-cenica-080319/>.

<sup>17</sup> No currículo lattes de Hamilton Saraiva, em suas produções artísticas, consta: SARAIVA, H. F. Direção da peça Teatral, *TODOS AO SUBÚRBIO*, de Hamilton Saraiva, com o grupo Jambaí. 1971. Teatral.

<sup>18</sup> Não encontramos notícias ou referências à esta montagem de *Morte e vida severina*, cujo prêmio no troféu consta de 2014.



Cor e sombra: iluminação e formação no trabalho de um iluminador entre Minas e São Paulo.

Entrevista com Nezito Reis.

Concedida à Carina Maria Guimarães Moreira e

Berilo Luigi Deiró Nosella

resultado legal. Eu até tenho o pano aí, vou te dar ele que é para você fazer teatro de sombra com os seus alunos lá. Eu tenho umas traquitanas ou duas que vou dar também de presente. Além daquela resistência de sal. A resistência de água e sal está aí, daqui a pouco a gente tira para dar uma olhada. Acho que ela está vazando um pouquinho, mas é só você vedar com durepox e brincar. **(Figura 4)** (Pausa) Porque essa resistência de água e sal<sup>19</sup> quem inventou foi um americano lá, não sei que ano foi não. Mil oitocentos e qualquer coisa, né. E o Hamilton Saraiva me ensinou tudo isso, acabei construindo uma de acrílico. Bonita, transparente, que usei muito nos cursos e nas oficinas, nas palestras e tal. Como eu não uso mais, é melhor eu dar para alguém que possa usar, né. Ou jogar no lixo depois.

Figura 2 - Placa de premiação em Iluminação Cênica de Nezito Reis em



Fonte: Registro pessoal dos entrevistadores

<sup>19</sup> “O mais antigo controlador da luz elétrica foi feito com água e sal, em um vaso de louça onde se introduziam eletrodos vindos das lâmpadas. O método era bom quando o vaso estava ao ar livre, pois dentro do teatro o mesmo emanava gás clorídrico, prejudicial à saúde.” (<https://lucasamado.wordpress.com/artigos/>).



Figura 3



Figura 4



Fonte: Registro pessoal dos entrevistadores

E a gente vai usar, que a gente tem um grupo de alunos há quem vai interessar muito esse material.

Sim. Nas aulas também.

Nas aulas é legal, por que sabe o que acontece? Apesar da evolução da iluminação nos últimos anos, (pausa) eu não peguei. Porque quando eu parei (pausa) eu ainda lembro muito que era coisa pela qual eu era apaixonado, a PAR 64. Não tem mais, né?

Não, ainda tem, mas daqui a pouco não vai ter mais.

A foco 1, foco 3, adorava usar para fazer corredor de dança.

É muito brilhante, né?

Sim, brilhante. Eu gostava muito da PAR foco 1 e foco 5. A foco 5 para abrir espaço, cenas



grandes. Nossa senhora. Muito legal mesmo. (pausa) E ela era Telem<sup>20</sup>, né. A Telem é... tive contato muito grande com eles na época também e tal. Depois veio a Gobos<sup>21</sup> do Brasil. A Gobos do Brasil eu até dei palestra lá, na própria sede da Gobos em São Bernardo do Campo. E o dono, de vez em quando a gente se comunica por WhatsApp e tal. Esteban<sup>22</sup>. Não sei o sobrenome dele. Ele era argentino, mudou para cá pequeno. Morou no Rio e depois mudou para São Paulo (pausa), gente finíssima. Ele me convidava para ir lá almoçar. Eu saia de São Paulo, um amigo meu - não sei se você conheceu, o Toninho Rodrigues...

**Sim, eu dei aula junto com o Toninho.**

Então. Toninho Rodrigues me levava para almoçar na firma e depois me trazia de volta.

**Nossa, eu nunca mais vi o Toninho. Nossa, agora que você falou deu saudade.**

Depois eu te passo o contato.

**A gente dava aula naquele teatro na Paulista, ali na Gazeta<sup>23</sup>. E lá na Praça Roosevelt antes da Praça Roosevelt ser revitalizada. No Recriarte<sup>24</sup>.**

Isso. Teatrinho pequeno também, e tal.

---

<sup>20</sup> A TELEM Iluminação e Cenotecnia (Técnicas Eletro Mecânicas Telem S/A) foi fundada no Rio de Janeiro por um grupo empresarial francês e é uma empresa que atua na fabricação e desenvolvimento de equipamentos de iluminação, além de desenvolver projetos executivos e de infraestrutura para o entretenimento no Brasil. Informações tiradas do próprio site da empresa (<https://telem.com.br/>). Segundo pesquisa o CNPJ da empresa foi aberto em 1966, porém o endereço ali cadastrado é de São Paulo, bairro do Ipiranga, e o site indica que a empresa tem mais de 75 anos de atuação no mercado. Trata-se de mais um rastro a ser perseguido futuramente.

<sup>21</sup> Segundo informações do próprio site, a Gobos do Brasil foi fundada em 2002 como uma empresa de Sonorização Profissional, Iluminação Espetacular e Painéis de LED. Como indica o nome, nos últimos anos tem sido uma grande referência na produção e distribuição de Gobos de Iluminação: (<https://gobos.com.br/empresa/>).

<sup>22</sup> Nezito provavelmente está se referindo a Esteban Rizzo, diretor comercial da Gobos do Brasil.

<sup>23</sup> O Teatro Gazeta situa-se na Av. Paulista, 900, no Edifício Gazeta – Fundação Casper Líbero (1947). O prédio atual foi inaugurado em 1966 juntamente ao teatro. Fonte: <https://fcl.com.br/fundacao/edificio-gazeta/> e <https://www.teatrogazeta.com.br/>.

<sup>24</sup> Cine Teatro Biju, posteriormente Cine Teatro Recriarte Bijou, Praça Franklin Roosevelt, 172, São Paulo – SP, inaugurado em 1999. Foi também, por um período, sede da Escola Recriarte, fundada em 1978 (<https://www.recri.com.br/>).



A gente dava aula lá. Eu, Toninho, a Laura Cardoso, o Vinicius Feio<sup>25</sup>.

A Laura. A Laura sumiu também.

A Laura está no Rio Grande do Norte, em Natal, mudou para lá, é professora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Ah, legal, “cara”. Maravilha. Então é isso, passaram muitas pessoas por mim, entende. Algumas seguiram, outras desistiram. Porque olha, tem que ter uma “paciência de Jó” para ser iluminador no Brasil.

Não, e isso na época ainda do... Você deve ter conhecido - o P.C. da G.C.B. de 500w, o PCzinho. Eu sou daquela época, entendeu. Ai depois foi progredindo, progredindo (pausa). Eu posso dizer assim, eu sou um vitorioso, sabe. Para quem foi para São Paulo com uma mão na frente outra atrás, e morador de rua, aquela coisa toda, virar um iluminador da maneira que eu virei depois, isso é uma glória. É uma glória.

Nezito, deixa eu te fazer uma pergunta. Nesses cursos todos que você citou, você usava algum material didático? Ou produziu algum material didático?

Eu não produzi não, eu... O material didático que eu tinha, não sei se tem mais aí, posso até dar uma vasculhada daqui a pouco, era uma apostila do Saraiva. E o resto era no gogó. Gogó e na mão, era emendando fio, isolando, montando *plug macho e fêmea*. E tem uma coisa que eu trabalhei com um japonês bailarino chamado Min Tanaka<sup>26</sup>. Depois que eu trabalhei

---

<sup>25</sup> Por volta de 1991, um grupo formado por Toninho Rodrigues, Laura Figueiredo Cardoso, Vinicius Feio, Décio Filho e Cizo de Souza desenvolveu o projeto de um curso técnico em iluminação cênica constituindo o que veio a se denominar Núcleo FORTEC – Núcleo de Formação Técnica, com as atividades sediadas no referido Cine Teatro Biju (depois incorporado pela Escola Recriarte, vindo a se chamar Cine Teatro Recriarte Biju). Berilo L D Nosella integrou o grupo no final da década de 1990 e início dos anos 2000.

<sup>26</sup> Min Tanaka é uma das expressões mais importantes da dança experimental de vanguarda do Japão e veio ao Brasil pela primeira vez em 1995 apresentar o espetáculo *Seasons* em São Paulo – SP. Fonte: <https://anticorpos.wordpress.com/2014/07/14/min-tanaka-em-sao-paulo-ouro-preto-e-rio-de-janeiro/>



com ele, “cara”, eu mudei totalmente a minha maneira até de dar as aulas. Quando eu ia dar aula, eu dividia em dois grupos, um desse lado, um desse lado. Aí pedia para caminhar devagarzinho, em cinco minutos. Porque o Min Tanaka, ele fazia um exercício que era caminhar assim, arrastando o pé, sabe. Passei isso para várias pessoas, para conter a ansiedade. É uma maneira de conter a ansiedade. Mas vejam, eu realmente não produzi nada, produzi o livro, *Trajatória de Azambuja Calado*<sup>27</sup> (Figura 5). Estou até sem ele aí, emprestei para alguém, mas ele não devolveu ainda. Livro é assim, as pessoas não devolvem. Mas eu espero que ela devolva ainda. Mas devo ter um ali para pelo menos te mostrar.

**Nezito, voltando ainda no Ballet de Moscou, me fala um pouco do medalhão que você ganhou. Conta um pouco dessa história para a gente.**

Ballet clássico de Moscou, é, fiz algumas cidades, algumas capitais, São Paulo duas vezes, Teatro Municipal, né? E depois saímos para viajar, aquela coisa toda. Um dia lá eles me deram esse medalhão, em agradecimento (Figura 6). Eu fiquei muito lisonjeado na época, porque eu falei “não é qualquer um que dá de presente uma coisa dessas”. Aí foi... foi muito legal. O pessoal era muito bacana, a gente fez uma temporada no Rio de Janeiro, uma apresentação no Teatro Nacional no Rio<sup>28</sup>, que é do hotel nacional. Foi legal para caramba, bicho. A gente viajou para vários lugares, Rio Grande do Sul, no ginásio do grêmio, gigantinho<sup>29</sup>, né? Eu acho. E Curitiba, naquele Teatrão que tem lá em Curitiba...

### **Guaíra.**

Isso, no Guaíra<sup>30</sup>. Enfim, fizemos em vários lugares.

---

<sup>27</sup> *Trajatória de Azambuja Calado*, livro autobiográfico escrito por Nezito Reis lançado em 2004, não encontramos exemplares para venda à não ser em sebos

<sup>28</sup> Teatro Nacional no Rio de Janeiro, não encontramos informações sobre este teatro.

<sup>29</sup> O Gigantinho, ginásio poliesportivo do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, também é utilizado para show e espetáculos.

<sup>30</sup> O Teatro Guaíra integra o Centro Cultural Teatro Guaíra que é uma Instituição Cultural mantida pelo governo do estado do Paraná na cidade de Curitiba. É inaugurado em 1884 como Teatro São Theodoro e em 1900 como Teatro Guayrá. O prédio atual tem seu primeiro auditório, o Guairinha, inaugurado em 1954 e o teatro maior, chamado popularmente de Guairão, é inaugurado em 1974.



## Isso foi quando? Você lembra? Mais ou menos o ano?

1981. Eu trabalhava no Gian Carlo. Ele me botava para viajar com as companhias.

**E como é que você definiria ou explicaria, pra jovens alunos de teatro, não necessariamente de iluminação, de teatro. O que é essa coisa que a gente chama de iluminação cênica? Qual a importância e o papel da luz nessa arte?**

Olha, eu sempre achei que a iluminação não é o principal, o principal é a cena em si, porque se a cena for boa, mesmo que a luz sendo comum, sem muita elaboração, ela emociona a plateia, porque essa é a função do ator, né? A luz é um complemento que você trabalha os contrastes, claro e escuro, a cor e a sombra. Eu sempre falei o seguinte para o pessoal: Gente, a luz é importante, mas não é o mais importante, o mais importante é o ator com o texto decorado, a atriz com o texto decorado, a marcação que o diretor determina.

**E para encerrarmos, que conselho você daria para um jovem que quer seguir a carreira da Iluminação Cênica?**

O conselho é encarar com responsabilidade. Exatamente, encarar com responsabilidade. Se bem que hoje em dia está muito mais fácil fazer luz que na época que eu comecei, né. Mas encarar com responsabilidade e com respeito ao próximo, sendo a um outro iluminador, a um vizinho; seja um ator, seja uma atriz, seja um bailarino, um coreógrafo. Respeitar todo mundo por igual. Porque aí ele também vai respeitar você. É uma troca. E por fim, dedicar-se com afinco àquilo que você ama, e fazer sempre tudo com muito carinho, né.

Recebido em: 30/09/2024

Aprovado em: 23/12/2024

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Programa de Pós-graduação em Teatro – PPGT

Centro de Arte – CEART

A Luz em Cena – Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas

[aluzemcena.ceart@udesc.br](mailto:aluzemcena.ceart@udesc.br)